



## RELAÇÕES DE GÊNERO E A FORMAÇÃO DE GRUPOS NAS BRINCADEIRAS ENTRE PARES DE CRIANÇAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rafaely Karolynne do Nascimento Campos<sup>1</sup>

GT1 - Educação de Crianças, Jovens e Adultos

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo discutir as relações de gênero na formação dos grupos entre os pares de idades nas ocasiões de brincadeiras coletivas dentro do contexto da educação infantil. Essa questão será discutida a partir de episódios de brincadeira de crianças de três anos em que as formações dos grupos brincantes e as questões de gênero ganham destaque no decorrer das situações interativas. Os dados foram produzidos na perspectiva etnográfica, com o uso de videogravações e descritos em sequência interativa denominada de episódio. Os dados revelam indicadores de que a questão de gênero não era um fator central na diferenciação dos grupos de amizades para formação dos grupos de brincadeira. Apontam também como as crianças estão construindo conhecimento a respeito das relações sociais em função de gênero nas interações com seus pares.

**Palavras-chave:** Brincadeiras. Educação Infantil. Relações de gênero.

## GENDER RELATIONS AND THE FORMATION OF GROUPS IN THE CHILDREN BETWEEN CHILDREN IN THE CONTEXT OF CHILD EDUCATION

### ABSTRACT

This article aims to discuss gender relations in the formation of groups between age pairs in the occasions of collective games within the context of early childhood education. This issue will be discussed from three-year-old children's play episodes in which the formations of the gagging groups and gender issues gain prominence in the course of interactive situations. The data were produced from an ethnographic perspective, with the use of videotapes and described in an interactive sequence called episode. The data reveal indicators that the gender issue was not a central factor in the differentiation of the groups of friendships for the formation of playgroups. They also point out how children are building knowledge about gender-based social relationships in interactions with peers.

**Keywords:** Jokes. Child education. Gender relations.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação – Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) - Universidade Federal de Sergipe, Mestre em Educação (UFS), Especialista em Gestão Educacional. Graduada em Pedagogia (UFS) e Pedagogia do Instituto Federal de Sergipe. E-mail: rafakarolynne@yahoo.com.br.



## INTRODUÇÃO

Diferentes estudos vêm sendo desenvolvidos enfatizando a brincadeira como um espaço de construção das práticas sociais e culturais empreendidas ativamente pelas crianças desde a mais tenra idade (CORSARO, 2009; FERREIRA, 2004; BORBA, 2005, dentre outros).

Na compreensão de Corsaro (2011), o brincar tem sido considerado como a forma privilegiada de participação das crianças na cultura. A partir das interações com seus pares em ocasiões de brincadeiras, através do processo de reprodução interpretativa (CORSARO, 2009), as crianças se afirmam e também se diferenciam do mundo social, em um processo de interpretação do mundo social, das pessoas e de si mesmos.

A educação infantil é um espaço onde as crianças encontram e constroem novas experiências de vida, a convivência com diversas formas de ser e de se relacionar, faz do espaço da educação infantil, um contexto educativo coletivo que potencializa e estabelece múltiplas relações e é por meio das brincadeiras que essas relações ganham potencialidade.

A identidade de grupos é uma característica central da cultura de pares (CORSARO, 2011). Borba (2005) ressalta que a própria organização escolar favorece a organização de grupos. As atividades diárias da educação infantil possibilitam às crianças associar-se aos seus semelhantes para a realização de algo, para alcançarem um objetivo comum. As crianças buscam contatos sociais umas com as outras, manifestando o forte desejo de partilha e participação social nas culturas de pares infantis.

Sarmento (2003, p.12) afirma que “o brincar é condição da aprendizagem e, desde logo, da aprendizagem da sociabilidade”. Nessa linha de ideias, ao se reunirem para brincar, as crianças criam vínculos, organizam ações, criam regras de convivência social, e nesse processo, instituem conjuntamente uma ordem social do grupo (FERREIRA, 2004) que conduz as relações de sociabilidade entre os pares.

Mas como os grupos de brincadeiras se constroem? Corsaro (2011) afirma que as crianças pequenas adoram estar reunidas e que fazer coisas em conjunto é um valor central das culturas de pares. De acordo com as pesquisas realizadas, ele afirma que as crianças vêm os companheiros de brincadeiras como amigos. Sendo assim, as amizades são construídas coletivamente pela participação ativa das crianças em seus mundos e nas culturas de pares.

A brincadeira é um processo dinâmico e contínuo de negociação. A aproximação de uma criança em cada grupo de brincadeira se dá pelo interesse em que tem pela atividade,



sendo necessário muitas vezes negociar com determinado grupo de crianças sua entrada na brincadeira em curso.

O desejo de brincar aproxima as crianças de acordo com seus interesses e preferências. Em suas pesquisas, Corsaro (2011) identificou que meninos e meninas organizam suas brincadeiras em torno de suas preferências, as meninas valorizam a afiliação e o estabelecimento de boas amizades, já os meninos valorizam a competição e a resistência.

Nessa perspectiva, estudos sobre gênero e educação de crianças inferem que meninos e meninas demonstram comportamentos, preferências mais adequadas para o seu sexo, seguindo, desde bem pequenas, as normas e padrões estabelecidos socialmente, construindo valores enraizados através dos relacionamentos na família, na escola, nem sempre explícitos, mas que sutilmente determinam comportamentos.

Diferentes pesquisas vêm apontando a respeito de como meninas e meninos se relacionam e se manifestam culturalmente frente às questões de gênero, principalmente durante os momentos de brincadeiras (CORSARO, 2011; FINCO, 2004; LOURO, 1997; BERALDO, 1993). As pesquisas afirmam que meninas preferem bonecas e casinhas, já os meninos escolhem brincadeiras com carrinhos e jogar bola, por exemplo.

As reflexões de Finco (2004, p.129) para essa compreensão são fundamentais, pois ela afirma que

A brincadeira possui um papel importante no processo de socialização e das relações de gênero na infância, pois cria um espaço experimental para a construção de identidade de gênero. Porém, a brincadeira pode ser caracterizada por elementos contraditórios: ela pode ser tanto um espaço para a experimentação espontânea, como para uma forma de produção e controle dos estereótipos masculinos e femininos de uma determinada sociedade.

Imbuídos dessas concepções buscamos com este trabalho discutir as relações de gênero na formação dos grupos entre os pares de idades nas ocasiões de brincadeiras coletivas dentro do contexto da educação infantil. O presente trabalho apoia-se no campo da Sociologia da infância que conduz a um redirecionamento do olhar sociológico e antropológico para a infância, introduzindo a concepção de criança como ser social pleno, dotado de capacidade de ação e a infância como um grupo social culturalmente ativo.



## ASPECTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

Os dados analisados a seguir foram extraídos do banco de dados da pesquisa de mestrado que buscou compreender, à luz dos estudos da Sociologia da Infância, como as crianças vivenciam suas infâncias a partir das brincadeiras de livre escolha por elas criadas dentro da rotina de uma instituição municipal de Educação Infantil.

Sedimentada pela perspectiva etnográfica com crianças (GRAUE; WALSH, 2003), a pesquisa envolveu a observação sistemática de situações de brincadeira de 25 crianças de ambos os sexos em uma instituição municipal de educação infantil situada na cidade de Aracaju/SE, que atende crianças entre 0 e 3 anos.

Para a geração de dados, através da observação participante, focalizamos o nosso olhar para as práticas sociais e culturais das crianças nos processos de brincar, buscando registrar em fotografias e gravações em vídeos e anotações em diário de campo os momentos de brincadeiras de livre escolha das crianças dentro da rotina escolar durante os momentos de recreação (parquinho, sala multiuso ou brinquedoteca) e nos momentos de atividades não direcionadas pelo adulto dentro do contexto da sala de aula.

O procedimento de análise foi o da observação sistemática de momentos de brincadeira entre as crianças a partir da combinação entre a leitura das transcrições dos vídeos e a apreciação das imagens, seguidas da seleção de episódios (PEDROSA; CARVALHO, 2005) que foram recortados e transcritos para posterior análise microgenética.

Para o presente estudo foram escolhidos o episódio “Super Pink” e um excerto do diário de campo por apresentarem aspectos considerados relevantes para o alcance dos objetivos elencados para a presente investigação e serão apresentados a seguir.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

No decorrer da pesquisa, a partir das observações realizadas, constatamos que raramente as crianças do contexto investigado brincavam de forma isolada. A maioria brincava, com composições que variaram em número de participantes e gênero. Vários grupos brincavam simultaneamente. Nesse processo, havia constantes recomposições entre os grupos, favorecendo grande interação e circulação de crianças. Em alguns momentos, ocorriam interações entre dois ou mais grupos, entrelaçando as brincadeiras, agregando novos



componentes, formando um grupo de brincadeiras maior. Em outros momentos, alguns grupos se dispersavam, dando origem a novos grupos.

Os dados deste estudo revelam que um dos critérios de formação dos grupos é o interesse pelas temáticas das brincadeiras. O desejo de brincar aproxima as crianças de acordo com seus interesses e preferências.

Evidenciou-se nesta investigação que os meninos demonstram preferência pelas brincadeiras de perseguição, temas de super-heróis, matar-morrer-reviver, aproximação-evitação. Já as meninas, preferem as brincadeiras de faz de conta, com temáticas que envolvam situações familiares e scripts associados (mãe e filha, casinha, comidinhas, maquiagem) e as rotinas de aproximação-evitação.

Contudo, em muitos momentos, meninos e meninas apresentavam interesses comuns por temas de brincadeiras, o que favorecia a formação de grupos mistos. Os meninos não hesitavam em brincar de casinha com as meninas, ocupando os papéis de pai, filho, irmão e também não era incomum encontrar meninos preparando comidinhas e se alimentando. As meninas gostavam de brincar de casinha, mãe e filha, de maquiagem, nesta última, os meninos nunca se envolviam. No entanto, as meninas apreciavam as brincadeiras de polícia e ladrão, de super-heróis. Assim as crianças trocavam e experimentavam os papéis de gênero nas ocasiões de brincadeiras.

As temáticas vinculadas aos grupos mistos mostram o interesse comum pelas brincadeiras. É interessante destacar que quando ocorrem composições de grupos mistos alguns ajustes são feitos na tentativa de possibilitar a participação tanto de meninos quanto de meninas. Um dado que comprova esta afirmação é a constante participação de Sibeles, principalmente nas ocasiões de brincadeira que envolve a rotina de perseguição, comumente desenvolvida pelos meninos, tal como se pode ver no episódio relatado abaixo.

O episódio descrito a seguir refere-se ao grupo de crianças de 3 anos e foi extraído de uma sessão de videogravação que trazem situações de brincadeiras que envolvem relações entre meninos e meninas vinculadas à formação dos grupos de pares no contexto das brincadeiras. A descrição e análise das interações e negociações que se dá entre os pares nos permitem uma aproximação deste complexo processo de construção de significados pela criança a respeito das relações sociais em função de gênero nas interações com seus pares.

### **Episódio: Super Pink**

**Local:** Sala de aula



**Duração:** 04min 24seg

**Data:** 13/05/2016

**Crianças envolvidas:** Sibebe (3,3), Cristofer (3,10), Denzel (3,8)

*Sibebe, Cristofer, Denzel desenvolvem ações de brincadeiras que evidenciam a rotina de perseguição. Sibebe tem um pino de boliche em mãos e Denzel um violão, os dois lutam utilizando esses dois brinquedos como se fossem espadas.*

*Ora Sibebe é capturada por Denzel, ora por Cristofer e assim a sequência interativa é desenvolvida. Cristofer faz expressões com os braços e mãos com se liberassem poder delas. Denzel, Cristofer e Sibebe correm pela sala. Sibebe tentar fugir de Denzel e Cristofer subindo nas cadeiras, mas a cuidadora logo sinaliza dizendo que não.*

*Sibebe desce da cadeira e atinge Cristofer com socos na barriga. Cristofer ataca com rasteiras e então foge de Sibebe. Cristofer volta a capturar Sibebe, desta vez pelas costas, a menina grita e dá socos em Cristofer, ela solta-a e começam a lutar. Mais uma vez a educadora salienta que não podem brincar dessa forma. As crianças disfarçam e segundos depois continuam a brincadeira. Cristofer, Denzel e Sibebe estão no centro da sala, quando Sibebe para e com as mãos na cintura e um pé a frente do corpo, com ar de autoridade diz:*

***Sibebe:*** *Eu sou a mulher Super Pink! Eu sou a mulher Super Pink!*

*Após a declaração de Sibebe, os meninos voltam a atacá-la e continuam a perseguição com luta.*

Um primeiro fato que se destaca no episódio é a adequação da participação de Sibebe na brincadeira. Sibebe, Denzel e Cristofer brincam da rotina de perseguição, uma das preferidas dos meninos. Em grupos quase unicamente com meninos, a brincadeira seria polícia e ladrão com suas adaptações, com inclusão de super-heróis etc. Com a participação de uma menina, há a inserção da *Super Pink* (Filme “Barbie super princesa” – influência da cultura televisiva nas rotinas das crianças), uma princesa superpoderosa que luta contra o crime, um contexto totalmente atrelado ao da rotina de perseguição da brincadeira de polícia e ladrão.

Como se pode perceber a rotina da brincadeira de polícia e ladrão sofreu adaptação tendo em vista a participação de Sibebe como *Super Pink*. Além disso, o comportamento de Sibebe nos autoriza a afirmar que ela tem consciência de seu papel no jogo, ao se afirmar como “a mulher Super Pink”.



Conforme o quadro 01, nos 56 episódios de brincadeiras registrados no decorrer da pesquisa, os grupos de meninas correspondem a 32% dos episódios e os grupos de meninos correspondem a 20%. 48% dos episódios registrados foram desenvolvidos por grupos mistos, correspondendo a quase metade dos episódios. Vale ressaltar que nestes grupos mistos há a inclusão de grupos originalmente formados por meninos e ou meninas e que no decorrer das interações permitiram a participação de crianças de outro sexo, tornando-se desta forma mistos em sua composição.

**Quadro 01** – Formação de grupos de pares por gênero

GÊNERO	EPISÓDIOS	BRINCADEIRAS
Masculino	11 (20%)	Polícia e ladrão, brincadeiras de super-heróis, carrinhos
Feminino	18 (32%)	Mãe e filha, casinha, maquiagem, comidinha,
Mistos	27 (48%)	Polícia e ladrão, Bruxa, Matar-morrer-reviver, casinha, comidinha, brincadeiras de super-heróis
Total	56 (100%)	

Fonte: Elaborado com base nos registros da pesquisa, 2016.

Este achado nos leva a refletir que o gênero não era um fator central na diferenciação dos grupos de amizades. O estudo nos mostra relações consistentes entre grupos de gêneros misturados e constantes interações entre meninos e meninas. Nas brincadeiras coletivas, nas quais meninos e meninas interagem, se revezam nos papéis, sem menosprezar papéis considerados masculinos ou femininos, as crianças buscavam parceiros de brincadeiras para desenvolverem conjuntamente as práticas lúdicas, sem levar em consideração se é menino ou menina.

Durante as observações, constatamos que, as crianças do contexto investigado, ainda não possuem práticas sexistas em suas práticas brincantes, não reproduzindo práticas sexistas da cultura do mundo adulto. Nessa trilha de proposições, Louro (1997, p.56) contribui afirmando que as crianças aprendem a oposição e a hierarquia dos sexos durante o período em que permanecem na escola,



Em muitas instituições e práticas, essas concepções foram e são aprendidas e interiorizadas, tornando-se quase “naturais”. A escola é parte importante neste processo. Tal “naturalidade” tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentam, circulam e se agrupam de formas distintas.

Os dados alçados reforçam os achados das pesquisas etnográficas de Corsaro (2011) nos Estados Unidos e na Itália, ao comprovar que havia mais segregação de gênero nas interações entre crianças mais velhas, a partir de 5 a 6 anos de idade do que entre as crianças de 3 a 5 anos.

Tal constatação não quer dizer que a diferenciação de gênero não esteja presente nas relações e que as crianças não tenham consciência das normas sociais que prescrevem comportamentos e atitudes diferenciadas para meninos e meninas. Esse aspecto é ilustrado na situação abaixo:

*Letícia está brincando com muitas bonecas Barbie, cerca de 20 bonecas em média, quando Glauber se aproxima e tenta brincar com ela. Letícia resiste, pede para o menino se afastar, entretanto Glauber não se afasta e fica a observar. Letícia afasta as bonecas. Minutos depois, Letícia olha para mim e pergunta:*

**Letícia:** *Quer uma boneca, tia?(...) Quer uma boneca?*

**Rafaely:** *Quero.*

*Letícia me entrega uma boneca e então eu pergunto:*

**Rafaely:** *E pra ele?*

**Letícia:** *Não!*

**Rafaely:** *Por que?*

**Letícia:** *Homem não usa.*

**Rafaely:** *Homem não usa boneca?*

*Letícia sinaliza negativamente com a cabeça.*

**Glauber:** *Homem usa (---)*

**Letícia:** *Usa nada!*

*Glauber levanta-se e se afasta de Letícia, que continua a brincar.*

*(Diário de Campo, 29/04/2016)*

É possível perceber tamanha reserva em relação à orientação sexual especialmente dos meninos quando os mesmos demonstram comportamentos considerados não apropriados com a sua masculinidade. O brincar de boneca ou de casinha com as meninas ainda é visto como preocupante por nossa sociedade e conseqüentemente por diversos profissionais da educação infantil. Através da observação, registramos diversos momentos em que as educadoras da turma de criança investigada chamavam a atenção de meninos que brincavam de



boneca/casinha ou queriam fantasiar-se de personagens femininos, ratificando essa preocupação social com a orientação sexual das crianças.

As crianças estão a todo momento experimentando diferentes formas de brincadeira, estabelecendo múltiplas relações com seus pares. O diálogo registrado no diário de campo comprova como as crianças refletem sobre a natureza de suas brincadeiras e revelam como estas constroem e internalizam concepções pré-determinadas acerca dos papéis considerados masculinos e femininos.

No que diz respeito ao uso de brinquedos, na situação relatada acima, foi possível compreender a partir da atitude de Glauber, como as crianças resistem aos padrões pré-estabelecidos, recriando e inventando novas formas de brincar. O comportamento de Glauber nos autoriza a inferir que as crianças estão atentas e percebem que as diferenças entre meninos e meninas são meras convenções.

Nessa trilha de proposições, nas interações, as crianças estão descobrindo a possibilidade de usar os brinquedos de formas diferentes das que a sociedade lhes impõe. As observações realizadas nesse aspecto levam-nos a concordar com a argumentação de Corsaro (2009, p.35) que “[...] as expectativas de gênero não são simplesmente inculcadas nas crianças pelos adultos, mas são socialmente construídas pelas crianças nas interações com os adultos e entre si”.

Finco (2004) contribui nesse sentido afirmando que a criança experimenta diferentes formas de brincar, trocando e experimentando os papéis de gênero nas situações de brincadeiras e na medida em que elas transgridem o que é pré-determinado socialmente para cada gênero, ressaltam como a instituição de educação infantil pode apresentar uma característica positiva em relação às formas de compreender essas relações, tornando-se um espaço para o não-sexismo. Nesse sentido, a autora destaca o importante papel do professor na mediação destas relações.

Outro aspecto que se destacou nas observações com relação às interações sociais e as diferenças de gênero foi a diferença em relação ao número de membros dos grupos de brincadeiras. Os grupos masculinos apresentavam, em sua maioria, grupos maiores, que variam entre 4 a 11 participantes. Já os grupos femininos, buscavam-se associar em grupos menores, com uma preferência para díades. Esse dado corresponde aos achados de Beraldo (1993) em suas pesquisas sobre as relações de gênero nas brincadeiras de crianças com faixa etária entre 5 e 10 anos.



## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As brincadeiras oferecem múltiplas possibilidades de investigação, pois através do brincar as crianças se manifestam culturalmente. Observar as brincadeiras das crianças é um contexto privilegiado para conhecer suas incríveis criações, suas formas de interação, suas regras e modos de ser, agir, pensar e sentir nas interações com o grupo de pares, ou seja, para se conhecer suas culturas da infância. Nessa trilha de proposições, considerando o brincar como um espaço privilegiado para a investigação de participação das crianças na cultura, os dados revelam o modo como estas se relacionam e se manifestam culturalmente frente às questões de gênero.

No que se refere às relações de gênero no contexto das brincadeiras, os dados revelam indicadores de que a questão de gênero não era um fator central na diferenciação dos grupos de amigadas para formação dos grupos de brincadeira. Durante as observações, constatamos que, as crianças do contexto investigado, ainda não possuem práticas sexistas em suas práticas brincantes, não reproduzindo práticas sexistas da cultura do mundo adulto

Entretanto, os dados também sinalizam que as crianças têm consciência das normas sociais que prescrevem comportamentos e atitudes diferenciadas para meninos e meninas, apontando como elas estão construindo conhecimento a respeito das relações sociais em função de gênero nas interações com seus pares.

Sendo assim, esse fator sinaliza a necessidade de discussão acerca das questões de gênero na educação de criança de 0 a 3 anos por parte dos profissionais que atuam na educação de crianças pequenas. Tais discussões na educação infantil possibilitam uma educação mais igualitária às crianças, uma educação que respeita a criança na construção de suas identidades e que possibilita a formação de seres humanos sem práticas sexistas desde às primeiras relações sociais.

## REFERÊNCIAS

BERALDO, K. E. A. (1993). **Gênero de brincadeiras na percepção de crianças de 5 a 10 anos**. São Paulo: IPUSP.

BORBA, Angela Meyer. **Culturas da Infância nos espaços-tempos do brincar**. 296f. Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, 2005.

CORSARO, William A. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MÜLLER,



Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009. p. 31-50.

\_\_\_\_\_. Métodos Etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças. In: MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009. p. 83-103.

\_\_\_\_\_. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FERREIRA, Maria Manuela Martinho. “- **A gente aqui o que mais gosta é de brincar com os outros meninos!**” – as crianças como atores sociais e a (re)organização social do grupo de pares no quotidiano de um Jardim de Infância. 736f. Dissertação de Doutoramento, Universidade do Porto, 2004.

FINCO, Daniela. **Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem, mulher com mulher**: relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na pré-escola. 184f. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

GRAUE, Elisabeth.; WALSH, Daniel. **Investigação Etnográfica com crianças**: teorias, métodos e ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

PEDROSA, Maria Isabel; CARVALHO, Ana Maria Almeida. **Análise qualitativa de episódios de interação**: uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso. Revista Psicologia: Reflexão e Crítica, 2005, 18(3), pp.431-442. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a18v18n3.pdf>. Acesso em: 10 de Jan. 2017.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e culturas da infância**, 2003. Disponível na Internet: [http://www.iec.minho.pt/cedic/textos de trabalho](http://www.iec.minho.pt/cedic/textos_de_trabalho). Acessado em 30 de maio de 2016.